

## Apresentação

Passados oito anos da sanção da lei que dispôs sobre a oferta obrigatória da língua espanhola na escola média brasileira (11.161, de 2005), o quarto número da Revista *abehache* organiza-se em torno a uma convocatória mediante a qual buscamos registrar reflexões, experiências e práticas que nutrissem conceitualmente a série de relações que essa língua, como uma disciplina, é capaz de estabelecer no espaço escolar com outros saberes: os da história, os da cultura, os das várias literaturas.

A convocatória convidava a abordar, a partir de diversos lugares disciplinares e teóricos, a questão do espanhol na escola brasileira e no contexto do Cone Sul. O resultado materializa-se de várias formas no *Dossiê* que abre com a instigante reflexão, no campo da filosofia, de Diego Tatián. Ao pensar o espanhol como “língua do saber”, isto é, capaz de produzir conhecimento crítico numa universidade que se postula democrática, o autor nos leva, por um lado, a reconsiderar os parâmetros que atualmente regulam o trabalho acadêmico e, por outro, a transferir suas postulações ao campo das políticas linguísticas que permeiam nosso espaço, nos distanciando da subordinação a que pode ser submetida uma língua desde o discurso do Mercado. Sua posição não só reivindica a heterogeneidade linguística, porque esta potenciará a singularidade no modo de conhecer e interpretar o mundo, como também opõe resistência à consigna que naturaliza a necessidade de expansão de alguma língua em particular: ao falar de uma ordem não monolíngue, essa mesma singularidade seria enriquecida pela relação que o espanhol trama babelicamente com outros simbólicos. Segue o artigo de Roberto Bein que continua a reflexão sobre as políticas linguísticas e nos fala da relação entre Estados Nacionais e línguas estrangeiras no plano educativo, referindo-se especificamente a um período histórico da Argentina. Seu trabalho contribui para contextualizar o eixo deste *Dossiê* no espaço do Cone Sul: as decisões e estratégias políticas, o lugar do português e a adesão ao que em seu texto se denomina “ideologia do plurilinguismo” são os principais aspectos abordados na análise. Os outros textos da seção têm uma temática em comum: o ensino da literatura. A pergunta acerca do valor social da literatura na cultura contemporânea e a relevância desse saber específico na formação de professores enlaçam os textos de Antonio Andrade, Mónica Bueno e Silvia Cárcamo. As relações entre comunidade e língua estrangeira sustentam a reflexão de Andrade que analisa até que ponto a literatura se apresenta com um mero caráter instrumental na aprendizagem de uma língua estrangeira e indaga de que modo pode-se recuperar, na cena didática, uma experiência lite-

---

rária que desestabilize as formas naturalizadas de construção de sentido. O artigo de Bueno reflete acerca do ensino da literatura como uma prática que, ligada à cena da leitura, mobiliza vivências e paixões da subjetividade. A autora convoca a noção benjaminiana de experiência para assinalar o caráter indeterminado do saber que está em jogo quando o que se deseja não é apenas transmitir conhecimentos sistematizados sobre a literatura, senão dar lugar a uma experiência literária. Por último, o artigo de Cárcamo aborda a pergunta sobre o valor social da literatura na cultura contemporânea e da função dos estudos literários na formação de professores na atualidade. O caso do ensino das literaturas hispânicas no Brasil encontra um espaço singular neste texto que recupera as reflexões e o trabalho de docentes e pesquisadores que atuam em diferentes universidades do país. O texto indaga os problemas atuais do ensino da literatura, no entanto, traça também uma espécie de memória local que permite dar valor ao trabalho realizado até agora, sem deixar de formular novos questionamentos e desafios.

A seção *Entrevistas* guarda estreita relação com o *Dossiê* e conta com a palavra de duas figuras importantes no campo da reflexão sobre língua/literatura. A primeira é Silvana Serrani. No diálogo com a pesquisadora, um olhar retrospectivo permite percorrer sua trajetória conceitual e, ainda, se concentrar numa de suas produtivas propostas: trabalhar o discurso literário nos processos de ensino para abordar a relação língua / discurso e lhe oferecer resistência à dicotomia língua-literatura, de base enciclopedista. A proposta relaciona-se com a necessidade de escapar da redução dos processos de ensino de línguas estrangeiras em nível cognitivo, racional e consciente, sustentando que a literatura não guardaria compromisso com o “pragmatismo” que cruza esse mesmo campo. O segundo entrevistado é Gustavo Bombini, um especialista a quem, logo de início, abordamos com a pergunta sobre o caráter “ensinável” da literatura. O diálogo vai ganhando densidade ao tratar questões tais como a especificidade do discurso literário, o que nos diz a literatura sobre outros discursos, o que diz a literatura sobre o literário (algo sobre o qual a escola se distraiu). Por fim, realiza considerações sobre a leitura como trabalho interpretativo na escola e em práticas mais informais e, de modo emblemático, termina falando do direito à metáfora.

Os artigos da *Varia* também retomam as temáticas do *Dossiê*, submetendo-as a diversas especificações mediante o recorte de objetos determinados que são tratados a partir de variadas perspectivas teóricas.

As *Resenhas* atualizam-nos com relação a publicações tanto nacionais como internacionais nas quais se tratam temáticas fortemente vinculadas aos eixos apresentados no *Dossiê*: diversos aspectos do ensino da língua espanhola na escola; uma análise e interpretação da legislação relativa às línguas estrangeiras no *currículo* escolar no Brasil; intervenções de intelectuais no campo

educativo, neste caso da Argentina, marcadas por tentativas de delimitação e construção de uma subjetividade nacional; e, finalmente, a abordagem crítica de diversos aspectos da autoridade linguística da Real Academia Española, sobretudo no que diz respeito à regulação e gramatização da língua.

Finalmente, na página de *Tradução* que habitualmente encerra nossos números, uma necessária exceção: nela vai nossa afetuosa homenagem a Mario González.

Comissão Editorial

---

## Presentación

A ocho años de la sanción de la ley que dispuso la oferta obligatoria de la lengua española en la escuela media brasileña (11.161, de 2005), el cuarto número de la Revista *abehache* se organiza alrededor de una convocatoria mediante la cual quisimos registrar reflexiones, experiencias y prácticas que nutriesen conceptualmente la serie de relaciones que esa lengua, como una disciplina, es capaz de trabar en el espacio escolar con otros saberes: los de la historia, los de la cultura, los de las varias literaturas.

La convocatoria invitaba a abordar, a partir de diversos lugares disciplinares y teóricos, la cuestión del español en la escuela brasileña y en el contexto del Cono Sur. El resultado se materializa de varias formas en el *Dossier* que abre con la instigadora reflexión, en el campo de la filosofía, de Diego Tatián. Al plantear el español como “lengua del saber”, es decir, capaz de producir conocimiento crítico en una universidad que se postula democrática, el autor nos lleva, por un lado, a reconsiderar los parámetros que actualmente regulan el trabajo académico y, por otro, a transferir sus postulaciones al campo de las políticas lingüísticas que atraviesan nuestro espacio, distanciándonos de la subordinación a la que puede ser sometida una lengua desde el discurso del Mercado. Su postura no solo reivindica la heterogeneidad lingüística porque esta potenciaría la singularidad en el modo de conocer e interpretar el mundo, sino que además le opone resistencia a la consigna que naturaliza la necesidad de expansión de alguna lengua en particular: al hablar de un orden no monolingüe, esa misma singularidad se vería enriquecida por la relación que el español trama babélicamente con otros simbólicos. Le sigue el artículo de Roberto Bein que continúa la reflexión sobre las políticas lingüísticas y nos habla de la relación entre Estados Nacionales y lenguas extranjeras en el plano educativo, refiriéndose específicamente a un período histórico de la Argentina. Su trabajo contribuye a contextualizar el eje de este *Dossier* en el espacio del Cono Sur: las decisiones y estrategias políticas, el lugar del portugués y la adhesión a lo que en su texto se denomina “ideología del plurilingüismo” son los principales aspectos abordados en el análisis. Los otros textos de la sección tienen una temática en común: la enseñanza de la literatura. La pregunta acerca del valor social de la literatura en la cultura contemporánea y la relevancia de ese saber específico en la formación de profesores enlazan los textos de Antonio Andrade, Mónica Bueno y Silvia Cárcamo. Las relaciones entre comunidad y lengua extranjera sostienen la reflexión de Andrade que analiza hasta qué punto la literatura se presenta con un mero carácter instrumental en el aprendizaje de

una lengua extranjera e indaga de qué modo se puede recuperar, en la escena didáctica, una experiencia literaria que desestabilice las formas naturalizadas de construcción de sentido. El artículo de Bueno reflexiona acerca de la enseñanza de la literatura como una práctica que, ligada a la escena de la lectura, moviliza vivencias y pasiones de la subjetividad. La autora convoca la noción benjaminiana de experiencia para señalar el carácter indeterminado del saber que está en juego cuando lo que se quiere no es solo transmitir conocimientos sistematizados acerca de la literatura sino también dar lugar a una experiencia literaria. Por último, el artículo de Cárcamo aborda la pregunta acerca del valor social de la literatura en la cultura contemporánea y de la función de los estudios literarios en la formación de profesores en la actualidad. El caso de la enseñanza de las literaturas hispánicas en Brasil encuentra un espacio singular en este texto que recupera las reflexiones y el trabajo de docentes e investigadores que se desempeñan en diferentes universidades del país. El texto indaga los problemas actuales de la enseñanza de la literatura, sin embargo, traza también una suerte de memoria local que permite dar valor al trabajo realizado hasta ahora, sin dejar de formular nuevos cuestionamientos y desafíos.

La sección *Entrevistas* guarda estrecha relación con el *Dossier* y cuenta con la palabra de dos figuras importantes en el campo de la reflexión sobre lengua/literatura. La primera es Silvana Serrani. En el diálogo mantenido con la investigadora, una mirada retrospectiva permite recorrer su trayectoria conceptual y, también, concentrarse en una de sus productivas propuestas: trabajar el discurso literario en los procesos de enseñanza para abordar la relación lengua / discurso y ofrecerle resistencia a la dicotomía lengua-literatura, de base enciclopedista. La propuesta se relaciona con la necesidad de escapar a la reducción de los procesos de enseñanza de lenguas extranjeras al nivel cognitivo, racional y consciente, sosteniendo que la literatura no guardaría compromiso con el “pragmatismo” que cruza ese mismo campo. El segundo entrevistado es Gustavo Bombini, un especialista al que, de entrada, abordamos preguntando sobre el carácter “enseñable” de la literatura. El diálogo va ganando espesura al tratar cuestiones tales como la especificidad del discurso literario, qué nos dice la literatura sobre otros discursos, qué dice la literatura sobre lo literario (algo sobre lo cual la escuela se distrajo). Por fin, realiza consideraciones sobre la lectura como trabajo interpretativo en la escuela y en prácticas más informales y, de modo emblemático, termina hablando del derecho a la metáfora.

Los artículos de la *Varia* también retoman las temáticas del *Dossier*, sometiéndolas a diversas especificaciones mediante el recorte de objetos determinados que son tratados a partir de variadas perspectivas teóricas.

Las *Reseñas* nos actualizan con relación a publicaciones tanto nacionales como internacionales en las que se tratan temáticas fuertemente vinculadas a los ejes planteados en el *Dossier*: diversos aspectos de la enseñanza de la len-

---

gua española en la escuela; un análisis e interpretación de la legislación relativa a las lenguas extranjeras en el *currículum* escolar en Brasil; intervenciones de intelectuales en el planeamiento educativo, en este caso de la Argentina, marcadas por intentos de delimitación y construcción de una subjetividad nacional; y, finalmente, el abordaje crítico de diversos aspectos de la autoridad lingüística de la Real Academia Española, sobre todo en lo que se refiere a la regulación y gramatización de la lengua.

Finalmente, en la página de *Traducción* que habitualmente cierra nuestros números, una necesaria excepción: en ella va nuestro afectuoso homenaje a Mario González.

Comisión Editorial